

DOUTOR ELISEU

le é de 1930. Nasceu quando tudo era escasso. Comida, roupa, conhecimento. Menos a fé. Naquela época, a força superava a razão. Cresceu entre as montanhas de Minas. Pro lado de Carrancas. Cresceu aprendendo a admirar o tio Antônio. Dele, vem a inspiração na racionalidade dos atos, a sabedoria nos posicionamentos, o estímulo para entender que o mundo era e ainda é um vasto mundo. Sem rimas e soluções prontas.

Ao longo de quase nove décadas, o tio Antônio sempre esteve, está e estará presente. Ele inspira o contar de um causo lá de traz, que parece ocorrido ontem, cuja narrativa encerra sabedoria, entre as ricas histórias vividas por um produtor de leite e fabricante de queijo. Tio Antônio viveu além do seu tempo. Como viveu e vive o doutor Eliseu Roberto de Andrade Alves.

Num mundo bruto e inculto, o menino Eliseu foi buscar em Viçosa o seu primeiro título. Depois da escola do lar e da vida, cujo patrono e professor emérito foi o insubstituível tio Antônio, que o criou, Eliseu foi para sua segunda escola, a Universidade Federal de Viçosa, a UFV. Só revia tio Antônio nas férias, quando voltava ao seu convívio. Graduou-se em 1954, pois, naqueles tempos, não imaginava que, passados 53 anos, ele voltaria à UFV, desta vez para ser agraciado com o título de Doutor Honoris Causa. Foi no mês passado. Agora, mais do que nunca, ele é o doutor Eliseu!

Ainda jovem, ele participou de uma experiência que o ajudou a interagir com a realidade, forjando-o como cientista social. Ele foi trabalhar na ACAR, órgão criado em 1948, precursora da Emater e de todo o sistema público de assistência técnica voltado para a agricultura. Na ACAR, Eliseu pôde desenvolver ainda mais o seu lado de pensador, diante da realidade que estava em frente aos seus olhos. Ali aprendeu a delinear problemas e a formular hipóteses consoantes com a realidade vivida. Foi a Emater, sua terceira escola, que deu asas ao revolucionário Eliseu. Ao homem que pensava que era possível mudar o mundo, mundo, vasto e pobre mundo.

Ao criar um sistema de transferência de tecnologia, via ACAR, o Brasil assumiu uma hipótese que o tempo iria rejeitar. O suposto é que havia muito conhecimento acumulado para ser transferido aos agricultores brasileiros. Pois, foram necessárias duas décadas para ficar evidente que era preciso primeiro criar um estoque de tecnologia, para depois transferir. Foi aí que surgiu o sonho impos-

sível. O de gerar uma tecnologia genuína, baseada nas características do Brasil tropical. Do Brasil que, em se plantando, tudo pudesse dar, que cumprisse a máxima da carta de Pero Vaz de Caminha. Afinal, o Brasil rural e urbano, 500 anos depois, ainda era pobre, faminto de comida e com fome de renda.

Foi assim que surgiu a Embrapa. Em 1972, Eliseu tinha terminado o seu doutoramento nos Estados Unidos. De volta ao Brasil, se reuniu a um conjunto de sonhadores, que acreditavam ser possível fazer agricultura com tecnologia na região tropical do mundo. Coube ao revolucionário Eliseu planejar e gerir aquele que foi o maior programa de produção de capital humano da história brasileira. Produção em série. Cerca de 1.600 dos melhores alunos das universidades brasileiras foram contratados dias após suas formaturas, submetidos a intensivos cursos de inglês e destinados às melhores universidades do mundo.

Nosso modelo de agricultura até então era baseado no aumento da produção incorporando mais terras. Isso fazia a produção se distanciar cada vez mais dos centros consumidores, numa época em que o petróleo deixava de ser barato. Comer no Brasil comecava a ficar muito caro. Era preciso crescer a produção via aumento de produtividade. Para tanto, os jovens enviados ao exterior deveriam aprender a tecnologia de produção usada em países de clima temperado e adaptá-las às nossas condições. O que resultou disso você já sabe. Mas talvez não se dê conta de que não foi por demanda explícita dos produtores. Tudo isso foi criado a partir de um sonho, viabilizado por revolucionários, como o doutor Eliseu.

Nos anos 90, o físico austríaco Fritjof Capra foi trazido ao Brasil pelo CNPq, para palestrar a pesquisadores. Ele me fez ver que ciência e religião são compatíveis. Mas, Capra fala de religião, de energia. Fala para o cérebro. Já o doutor Eliseu fala de Deus, fala de algo sublime, revelável a poucos. Este talvez seja o lado menos conhecido do doutor Eliseu. O único não provocativo, não exposto a debates e controvérsias. Conversa sobre Deus e religião com ele é conversa inspiradora, deliciosamente sem fim. Faz o mundo ficar atemporal.

Os novos economistas refletem pouco sobre política agrícola, assunto fora de moda. Mas, o doutor Eliseu continua estudando a pobreza e como as imperfeições de mercado a acentuam. Continua revolucionário. Com preocupações sociais concretas, continua a querer mudar o mundo, já tendo mudado nossas vidas. De vida simples, de pensamento complexo. Como na época em que conviveu com o produtor de leite e de queijo, o sábio e inspirador tio Antônio.

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, chefe geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

Ele continua estudando
a pobreza e como
as imperfeições
de mercado a
acentuam. Continua
revolucionário

LEITE DE SÃO PAULO PODE CRESCER, POR ARNALDO JARDIM

Ano 52 – número 632 – junho 2017 – R\$ 11,00 – www.baldebranco.com.ba

Em seis anos, a fazenda Sekita saltou de 6.100 litros/dia para 52.200. Agora, com ajuste fino na reprodução, quer mais em volume total e média por vaca, que deverá passar de 37 litros

Mais eficiência com seleção genômica dentro da fazenda

Produtor preserva e inova para ganhar mais com queijos

Nova variedade

de trigo ganha espaço na dieta de bovinos